



*De Genésio¹
Para M^ª Leda*

DA TAIPA DO FOGÃO

I

Nonada! Parabéns! Você veio do nada. Disse-me ele, inscrevendo-se no tudo da cultura letrada e a mim no nada da minha origem de lavrador e bóia-fria nas montanhas e grotões de Minas. Assim fosse, que eu seria ou poderia ser Adão com minhas somente minhas palavras de limpidez de cristal. Delas primeiras em mim e de mim nelas primeiríssimo verteria o Paraíso, um mundo, um mundo só meu. Mas não foi e não é assim. No começo era o verbo, a palavra. Assim é que tudo principia, sim senhor! Com verbo, o verbo se fez carne e, conforme a prosa, habitou entre nós: o da vida e o da morte.

Habitou! Quem disse que foi assim tão pontual como o raio do céu, como pedra que cai ou como ave que pouso? Quem simulou o além de nós, a boca de todas as bocas de onde o verbo se fez sopro, vida? O verbo. O verbo mesmo dessa conversa, atravessado, ocupado, habitado pelo rumor de outros verbos, palavras viajoras, memórias mais longínquas, dos confins da terra, do homem, da história. Assim é que tudo principiou, principia e principiará: na palavra dentro da qual, ao fundo e nas reentrâncias, ruflam quase inaudíveis, longínquas, asas de mel e peçonha.

Não fui e nem foi para mim o mundo circundante primeiro que as palavras. Somente o Adão mítico contou com as próprias palavras e com elas pôde proferir um mundo ainda virgem, sem nome, intocado pela fala de quem quer que fosse. Ele, sim, veio do nada. Esqueçamos aquele sopro sobre o barro.

Nasci, como todo menino de roça daquele tempo, em colchão de palha de milho. A casa era de tabatinga branca, cheirosa, renovada a cada mês com mãos suaves de reboco. A vassourinha do campo corria as paredes de cima abaixo e, clariluz, o barro iluminava a lamparina mortiça, a rede, as camas, o relógio ômega ferradura, precioso, dependurado no oitão. Ali, à beira da cachoeira rumorosa do Rio dos Criminosos, o meu pequeno corpo pousou no mundo. Fosse goiquica, rangeria os dentes, correria para a toca de pedras; fosse peixe nadaria. Não o sendo, teve de nascer do berço das palavras alheias: as de minha mãe e as de meu pai. E eles me habitavam de palavras pelo tato, pelo paladar, pelo olfato, pelos ouvidos e pelos olhos. Vieram as histórias do

¹ Nota dos Organizadores: Este texto foi escrito por José Genésio Fernandes e enviado as amigas Maria Leda Pinto e Maria Emília Borges Daniel nos anos 1980. A dedicatória e a mensagem final (ambas em itálico) são escrituras feitas à caneta pelo autor e, que são de fundamental importância para o movimento poético do texto.



capora, do bode e a onça de Pedro Malazarte, de José do Egito, de São Genésio, de Cristo e da mula sem cabeça. Depois os causos: do Cododino, do Marcelino, do Tumezino, da Sinhana do João Grande, do dia que meu pai viu a mãe de ouro, do Zé Diôgo, do misterioso estouro dos cavalos e da morte do Zé Pereira.

Eu me lembro como se fosse hoje. A gente já nascia com histórias. Elas literalmente nos punham no mundo. Dona Júlia despregava-se do batedor de roupa e nos dava à luz ali na roça mesmo e sem parteira. Elas só acudiam nos partos difíceis. Um dia veio a tia Jorgina mesmo. Era uma tarde e minha mãe gemia sem parar. Vejo-a deitada de costas, as duas pernas encolhidas e abertas sob os lençóis e tia Jorgina, ao pé da cama, sentada sobre os calcanhares, fazendo movimentos de amolar foice sob as cobertas, à luz mortiça da lamparina de querosene. Vejo-me por ali, perto da rede e do berço na lateral da cama. Parece que nada sinto. Tia Jorgina perdera o ar espalhafatoso, o desbocamento, o risadão e os gestos largos. Insistia nos movimentos ritmados e, como se não bastassem, encorajava minha mãe. Sabem com que? Com histórias! A história do calvário de Jesus. Contava só com a voz cantada e o rosto claro e suado, como que puxando a vida e empurrando a morte. Contava e contava profundamente. Contava e contava ainda e sem parar. Contava e nos encantava na penumbra, e desse limiar nos punha, pela Galiléia esquecidos de tudo. Viajei, viajamos: e voltei tão cheio de lágrimas, que fui chorar lá fora na beirada da casa, sentado no chão, as mãos quase para o céu, inconformado com o sofrimento injusto do nazareno. Não sei como o parto terminou. Só sei que tia Jorgina escutou meus soluços, acocorou-se perto de mim e disse com espalhafato e riso que era de fome. Não é? Fiz que sim com a cabeça. A gente nascia com histórias nos dando fome. Nem só de pão.

Assim, meu corpo e o mundo encontraram-se nos signos, nos sons das palavras. Assim o meu mundo interior foi surgindo como expressão semiótica desse contato entre organismo e mundo exterior. Revestido de palavras, só assim o mundo se fez para mim, significou, passou a existir.

Assim também este texto vive e flui no céu de palavras que o precederam na voz da Sônia, da Maria de Lourdes, do Luiz, da Nanci, da Maria Luiza, da Graça Paulino e do João de Jesus. Assim esta coleção, este gênero de escrita, que lembra Paulo Freire, Borges, Proust e tantos outros que amaram os livros como extensão da memória e da imaginação, e de cujas palavras as nossas são, por caminhos ou descaminhos, ressonâncias. Sabendo ou apenas pressentindo quase a medo que a completude nunca se deu e nunca se dará, todos, por algum tinido de luz, tocados pelo desejo de completude, habitaram o mundo deste gênero com suas contrapalavras, com seus vividos e feitos. E quem disser que repisam o alheio ignoram ou ainda não podem ter olhos para os movimentos diminutivos que, no semovente mundo que tecem, vão operando mudanças, fazendo a história. Quem disse que Deus não está no particular?



Escrevo também eu irremediavelmente incompleto e desejoso da completude que sonho no movimento em direção aos outros. E aqui, sendo na e pelas palavras que me fazem hoje, quem disse que posso reviver o que fui em menino e depois? Quem disse que posso, hoje, com palavras tão viajadas e marcadas por tantas babéis, repor-me, tintin-por-tintin, ali na taipa do fogão de lenha, embevecido com a história do capora, sob a fumaça sinuosa e leve do cigarro de palha de meu pai? Não posso, confesso, repor o vero veríssimo, que esse se foi como a fumaça do pito. Mas se as palavras viajam com palavras dentro, se as que tinha para meu sustento ecoam nestas que alinhavo, por elas posso ainda, como nas conchas de oceanos desfeitos, fazer ouvir o rumor das aguinhas entreseixos que enredam o mar da vida.

II

De meu pai é difícil afirmar que tivesse tempo livre. Penso que foi ele quem primeiro aboliu, para desencanto nosso, parte considerável dos feriados nacionais, aqueles inesperados e doces intervalos que repartiam a semana imensa e dura demais para nosso corpo de menino. Melhor dizendo, ele não acabou com os feriados, que esses só com o ar de pátria e herói ele nunca considerou mesmo. Desde que me conheço por gente, passou com enxada por cima de todos. Mas falo dos dias santos. Apesar da fé inabalável e de ser, como poucos daquelas grotas, um homem de rezas, acabou com um eito deles, argumentando que o trabalho era oração mais agradável de Deus do que o repouso contrito, o terço e a leitura pausada das sagradas escrituras. A cada ano desbancava um santo até ficar só com o natal e a sexta-feira da paixão. Volta e meia, molambentos a caminho da roça, cruzávamos desconsolados com muita gente em roupa domingueira. Nesses momentos, contra o sumiço que ele dava aos feriados e dias santos, invocávamos, por conversa enviesada, o poder dos santos mais graúdos e até do diabo. Mas, que nada, ele tinha treze filhos e um vida severina.

Meu pai não tinha tempo para nada. E que pressa! Em época de plantio, quando caíam as primeiras chuvas, nem se fala. Houve tempo em que dia e noite não lhe faziam mais diferença. Jantava, voltava para roça, colocava o lampião de querosene a cinco braças da enxada e capinava até horas mortas. O povo assustou-se, falou coisas, mas meu pai só deu a ousadia por desatino, quando plantou abóbora com cimento. É! Na calada da noite, pensou que fosse cinza de madeira boa. Botou na cova com fé e esperou que as sementes germinassem. Qual o quê! Nada daquela alegria de ver as aboboreiras, despontando, abrindo a terra, procurando a luz da manhã. Não podia ser, não estava direito. Chamou meu tio foram verificar: cimento, Joaquim! Você adubou com cimento, homem! Foram ao paiol: lá estava o saco de cinza.

Mesmo assim, meu pai não pôde deixar de ter tempo para fazer aquilo que seus antepassados fizeram em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades: contar histórias.



III

Era uma vez um homem que morava com a família no meio de uma mata virgem. Um dia, ele disse para a mulher: não tem carne, vou caçar. Carregou a espingarda, pegou o embornal de aviamento e foi por aquele matão danado. Sentado na taipa do fogão de barro, o rosto queimado de nosso pai se iluminava com as brasas e as labaredas, ficava vermelho. A mão rolava o pito para lá e para cá, ajeitava-o com esmerado gosto e dengos de longa data. A boca comprimia-se, abria-se milagrosamente sem nada e depois de certo tempo soprava a fumaça cheirosa com o caçador já perdido e vendo a tarde cair. Só meu pai sabia dizer aquele “danado” reboante. Durante a pitada que o retinha, a gente viajava e habitava o esqueleto magruço da narrativa com minúcias coloridas e um mundo de agoniados pressentimentos.

Na longa pausa pitada, ele imaginava, arranjava palavras e, pressentindo a demanda de descrição, dava umas pinceladas na onça e na anta. A onça era para compor a mata virgem, para justificar medo e cuidado, para marejar como uma nesga de real os desconfiamentos do caçador. A anta também. Ela existia na Amazônia, era assim e assado, descomunal, um mar de carne boa quebrando o mato por onde passasse. Mas meu pai a usava como carta do jogo do ser e do parecer com que recheava a narrativa.

Conforme o peso do dia e o cumprimento do cigarro, nosso pai abreviava a tarde, e pulava para a boca da noite: escureceu ficou um breu! A frase dele tinha na execução a geografia do que nossos olhos dominavam: a várzea do “escureceu” monocórdio, a encosta de pastagens do “ficou” e do “um” ascendentes e, por fim, soerguendo o queixo e fechando o rosto, o “breu” altissonante, pico da frase e do Arruda, além do qual havia então somente céu e neblina. Nossos olhos se arregalavam iluminados pelas brasas e pela narrativa. O homem sentiu medo da escuridão, da tempestade e daquele rumor de coisa quebrando mato no peito atrás dele. Correu e entrou no oco de uma árvore enorme.

Chegava a hora do “quando senão quando”. Nosso pai não o dizia simplesmente. Baforava-o. Esfumaçado e cheiroso, com ele vinham os estalos e os estrondos de bicho grande correndo na mata. Parecia anta, mas o pobre homem encolhia-se mais no fundo do oco do pau. Seu Joaquim Fernandes jogava então o toco do cigarro no borralho, gesticulava, imitava os estrondos, acrescentava urros e dava com aquela coisa, o capora, peludo e invulnerável, ali, no mesmo oco em que estava o caçador de cabelo em pé. O bicho entrava de fasto, apertava-o ao fundo e em seguida roncava.

Espremido e sem o outro recurso, o caçador sacou a custo o punhal pontiagudo e afiado e mandou-o com toda força no lombo do bicho. O danado desroncou, remexeu-se todo e disse amolado: chut, chut, borrachudo! Nossos olhos se arregalavam e



diminuíam até ficar do tamanho dos olhinhos dos importunos mosquitinhos de beira de rio. O caçador repetia as estocadas, mas nada podia contra aquele couro, até que lembrou-se do isqueiro. O rabo do capora ardeu e ele sumiu na mata com urro descomunal. Meu pai ria então e, diante dos pedidos de alguma prova, dizia: o mais véio é o que conta.

Durante muito tempo, fiquei sem entender bem porque essa história permaneceu em nós até hoje e com todas as lembranças da cozinha, das vasilhas de alumínio, luminosas, no canto do fogão, junto à chaminé. Hoje me dou conta de que ela era uma “palavramundo”, como queria Paulo Freire para a alfabetização. Ela continha e significava a nossa vida: perto de nossa casa tinha um capoeirão e um mato virgem misterioso e temido, e nosso pai, antes de ficar com pressa e abolir os feridos, fora caçador dos bons e trazia-nos pressentimentos e carne. A narrativa abarcava o nosso vivido, dilatava-o no simbólico, e nos permitia, como dizia Nietzsche, traduzir o desconhecido em termos do conhecido. As histórias nos davam, aos poucos, uma teoria do mundo, representações sobre as quais assentávamos a nossa vida ou com as quais preenchíamos de sentido os nossos nomes.

IV

José. Meu nome foi se preenchendo de sentido para mim com as personagens das narrativas e as pessoas da vida real. José era o homem bom e habilidoso carpinteiro de Nazaré, José era adivinhador dos sonhos do Egito, José era o Santo da estampa da parede da sala com o menino nos braços e a flor de bastão na mão, e José era meu avô afetuoso e calmo. Essas histórias ecoavam entre si e se misturavam no ar da vida real. Da alquimia delas, floridos e amplos campos de sentidos possíveis, fui me constituindo. Por alguma coisa que se explica e não se explica, nunca pude me esquecer do adivinhador de sonhos, da simpatia do santo da estampa da sala por uma flor nossa, dali da beira do Rio dos Criminosos. Era como se ele nos conhecesse, como se importasse conosco, como se alguma coisa abundante do nosso rio coubesse, cheirosa e branca, no mundo etéreo dele e do menino. Fiquei também com a mão de meu avô no meu cabelo e com seu ar de cigano. Mas não briguei pelo meu primeiro nome, que de tão doméstico virava logo Zé. Minha briga foi por Genésio, o da história que a folhinha do Sagrado Coração de Jesus trouxe resumida no 25 de agosto de meu nascimento, e que meu pai leu e me contou depois.

Era uma vez em Roma. O Imperador Diocleciano estava para chegar e todos, sabendo de sua antipatia pelos cristãos, armaram-se de leviana unanimidade: para agradá-lo, encenariam uma comédia de profanação do sacramento do batismo. A multidão se acotovelava para pegar os melhores lugares e o imperador aguardava protegido pelos soldados encouraçados, olhando de quando em vez o céu imensamente azul. Para Genésio, um dos atores, aquela era a possibilidade do aplauso, do sucesso fácil. Mal



sabia, entretanto, o que o esperava. Na hora da cena principal de profanação, sobreveio-lhe o inesperado, a encruzilhada, o tinido de luz que desfaz o peso das completudes. Pronto! Com a água da vida sobre a cabeça e a palavra do outro por demais pronunciada pelo coração, o comediante viu que o verbo se fez carne e o habitou irremediavelmente, ali, na frente do imperador, da multidão e dos soldados. Há! Meus amigos, existe um grande peso sobre mim, eu gostaria de me ver livre dele: e disse, com as mesmas palavras do texto, uma contrapalavra, a verdade de seu coração. Depois, e por isso, vieram os ganchos de ferro, o fogo das tochas e a cabeça pelos ares.

Mesmo depois que essa história foi declarada uma ficção hagiográfica e sumiu da folhinha do sagrado coração, continuei com ela na memória de menino. Imaginava o ator padecendo as dores e o desespero de um engasgo: as duas vozes conflitantes no limiar da boca, a cena parada no ar daquele instante infinito e a voz de seu coração, soando cristalina, à contrapelo do papel imposto, e da impiedosa unanimidade dos homens. Esse gesto de vida, de coragem e de inesperada mudança tomou para mim uma forma de beleza sem a qual a existência parecia não ter sentido.

Mais tarde, quando comecei a tomar posse dos meus documentos, descobri que alguma coisa estava errada. Nos papéis da igreja eu era Genésio, mas somente José no cartório civil. Caí então em desconsolo, fiquei emburrado, escarafunchei culpados e, por fim, fui em busca de meu segundo nome. No meu caminho, mata virgem: a da Serrinha, onde diziam ter onça e urutu; e a da burocracia cartorial da qual ninguém sai sem esfola. Fui apertando as notinhas no bolso, deixei de comer, teimei com o tabelião e voltei lá repetidas vezes. Um dia cheguei em casa com meu novo registro de nascimento, limpinho, cuidadosamente dobrado e três vezes embrulhado. Meu nome estava completo. Eu era e haveria de ser sempre os sentidos que lera nas histórias e na vida.

Só hoje, e aqui, me dou conta de que uma de minhas primeiras viagens, incerta e sobressaltada, foi feita em busca de meu nome, ou do inesperado e corajoso gesto que o fundara as vistas de um imperador, sob um céu azul de Roma. As histórias que ouvimos quando pequenos desempenham um papel importante na alquimia da fundação de nossa identidade, de nosso caráter. Elas nos abarcam na vida, e dilatando-a no imaginário, brilham tempo afora, iluminam para nós tudo o que existia quando soaram aos nossos ouvidos.

V

As histórias, além de nos darem prazer de ouvir e de falar, nos mergulhavam no Rio da língua viva, onde o eu precisa se constituir por cálculos que ultrapassam a mera referência das palavras. Quando à noite na taipa do fogão, o “era uma vez” soava



entre fumaça e se mantinha de uma extremidade a outra da fala, estávamos em lugar definido, em bosques de sonhos. Sabíamos quem era nosso pai, quem narrava e quem éramos antes e depois de embevecidos. Tudo era jogo e terminava com a insistência do empírico ou persistia em nós no terreno do sonho. Mas, na lida da roça, com a pressa do nosso pai e as brincadeiras de mau gosto, volta e meia o relato do vivido adquiria tons de ficção. O mundo das histórias enlaçava-se no mundo dos fenômenos da vida cotidiana. Os limites do sonhado e do empírico se embaralhavam e criavam lugares imprecisos de onde soavam vozes indefinidas. Quem falava então e de onde? No limiar de nossa vida no mundo e na linguagem, precisávamos ler, não raro, com sofrido engajamento do corpo e da mente.

Naquela tarde chegamos da roça antes do escurecer porque chovera o dia todo. Era uma alegria sair mais cedo do serviço e ter aquele resto de claridade para relinchar, empinar nossos cavalos de cana de milho e saltar com eles por sobre as poças d'água e os montes de lenha. Foi então que vimos pela primeira vez o arco-íris com uma das pontas mergulhada, ali, por detrás do morro do caxambu. Houve alvoroço no terreiro e quem estava dentro de casa saiu pra ver. Entre um afazer e outro, nosso pai deu língua e boca àquilo e sentenciou sem mais delonga, descascando milho, que ele bebia água do rio Lourenço Velho. Esquisito mais ficar por ali, feito especula era caçar um serviço na certa. Sumimos para várzea e parei meu cavalo. Bebia mesmo? Bebia certamente de um jeito diferente, com sete bocas coloridas enxugando meio rio e evitando piquiras e saricangas aos pinotes no raso das corredeiras. Às voltas com a indefinição de quem me dissera aquilo e já perdido no sonho de que tudo fosse verdade, fui conferir, correndo muito, morro acima, morro abaixo, até que a sombra da noite foi desfazendo, o encantado beberrão.

Nunca tinha ido tão longe no desconhecido daquelas bandas para, sem mais o que ver, ouvir meu coração a galope. Bebia, sim, de um jeito diferente. Ao voltar não questionei meu pai, porque sabia que não estava mais ali quem me dissera o que dissera.

Os bosques da ficção eram também o nosso refúgio quando o corpo não suportava mais a dureza do trabalho da roça. Estávamos ali na várzea, plantando milho naqueles dias intermináveis de sol quente. Cinco ou seis grãos em cada cova, meu fio! Bem encarreadinho! Olha lá o pássaro-preto! Enche bem a cova! Aquilo não acabava nunca. Como um camaleão que naturalmente mudasse de cor, de grão em grão fui me abandonado à inconsequência. Meu corpo rendeu-se à preguiça e a mão relaxou nas contas: oito, nove, dez grãos. Com o calor, a matemática perdeu de vez o sentido: doze grãos mal espalhados em cada cova. E então, inteiramente outro, personagem solto na terra arada, fui avacalhando a plantação como se o futuro não existisse ou como se o fim do que fazia acontecer pudesse ser decidido com os arremates mágicos das histórias de faz de conta. Acabado o milho, o dia estaria terminado. Arrisquei um punhado na cova. Foi quando a Laura viu. O seu pai te mata!



Mas não disse assim como digo em final de parágrafo. Nossa prima iluminada não sabia dizer palavra, trágica que fosse, sem primeiro dar risada. Depois mordida de leve o lábio de baixo e arregalava para nós os grandes olhos decididos. É para encher a cova de terra, menino! Onde já se viu isso? Parei de plantar aos punhados, mas depois do café, meu pai disse que iria debulhar outro caixão de milho. Aquilo não tinha fim. Meio entorpecido pelo calor, voltei a jogar na cova tudo que a mão podia pegar no embornal de pano e muito mais. Na pressa, meu pai teve a impressão de que as sementes estavam sumindo, mais limitou-se a insistir na ordem. Cinco ou seis grãos somente! E enche bem a cova! Olha o pássaro-preto!

Plantamos a roça inteira e fomos trabalhar no morro do Canta Galo. Um dia, na volta, meu pai nos permitiu cortar caminho pela várzea de milho, coisa que sempre evitava para não endurecer a terra. Chegara a hora de a onça beber água, o fim do erumavezeu. De nada valeria o fecho do saiu por uma perna de pinto e entrou por outra perna de pato. Depressa renunciei a oferta e desviei-me para o caminho mais longo. Ele, porém, compadecido de meu cansaço, insistiu, bondoso e já agachando sob os fios da cerca de arame farpado. Quando fui fazer o mesmo vi, vimos: as covas de milho pareciam moitas de capim.

Ah! Cabôco! Ocê me paga! E veio para o meu lado, enfurecido, arrancando o milho que nascia como cabelo na cabeça. Corri para casa. Ele era o culpado. Mandara encher a cova. Mas de que? Eu era uma criança. Sem saída, concordei com a minha mãe. E a história só não entrou de vez por uma perna de pinto porque, volta e meia, o povo zombeteiro botava o dedo na ferida: enche a cova, criatura! Meu pai ficava uma fera. Comigo.

Apesar da imensa riqueza do vivido, a chave para a leitura do mundo vinha do texto escrito. A bíblia era o único livro de nossa vida, a depositária do sentido único, da verdade de todas as verdades. Leitores de um livro só, às vezes nos víamos às voltas com a morte na aventura de atribuir sentido ao mundo.

Sol brabo, dia longo. À tarde, cansados, topamos terreno pedregoso. A terrinha ordinária vai se elevando aos poucos até a cerca da estrada. Nem sei porque teimar com plantação neste lugar. O feijão cresce meio enrolado, o milho fica anão e a palha de pinheiro incomoda os pés em tempo de capina. A enxada tropeça nos pedregulhos, erra o curso, e a poeirinha fina, sobe na gente o tempo todo. Estou lá. Curvado, raramente olhava para o alto. Nesse dia, porém, levantei os olhos para ver quanta braça de céu restava ainda entre o sol e a serra. Foi quando vi, pela primeira vez na vida, aquele alo amarelado circundando o sol, assim como um imenso olho sobre nós. Coisa sinistra! E do céu.



As perguntas emperraram a garganta seca. A fama de mau, meus pecados todos, a impiedade de Deus e a chusma de diabos com pretensões enormes sobre minha alma pequena induziam-me o raciocínio e exigiam cautela. Sobressaltado, fiquei um tempo cabisbaixo, tocando a enxada sem perceber-lhe o peso. Por fim, e a custo, perguntei ao meu pai o que vinha a ser aquilo.

Que desgraça! Meu pai fez pausa, nem olhou para a coisa sinistra, deu idéia de capinar mais rápido e fuzilou sério: é o sinal do fim do mundo ... o mundo vai acabar. E ficou calado.

Meu corpo suado esfriou naquele mar de impiedade e silêncio. Sem rumo e em desgoverno, teimei em recobrar o ritmo das enxadadas, arrastando pedregulhos e matos para o pé e rezando mais do que a boca podia. O coração disparou feito bicho em agonia. Faltavam os anjos nos quatro cantos das serras, mais as trombetas soariam primeiro com estridência de luz, de fogo, de aço de enxada em cascalho seco. Chegara a hora. O grande livro seria aberto e uma voz faria a impiedosa leitura da vida escrita, o escancaramento de todos os meus pecados. Haveria gritos e ranger de dentes, mas eu resistia com reza e rasteira. Gaguejava ave-marias e tentava desenredar a linhagem de meus pecados para colocá-los em páginas de menor conta. Caranguejo cortado ao meio, arrastava-me ainda pela terra, tecia uma brecha no juízo final, armando emboscadas para Deus com trejeitos de consciência. Não sei se meu pai percebeu ou pressentiu a judiação crescendo na poeirinha rala daquela pausa sem-vergonha. Não sei e nunca lhe perguntei com medo de chorar já grande. Só sei que ele endireitou a espinha e desfez o juízo final à prestação: é sinal de chuva! Círculo no sol é sinal de chuva.

Que suave cheiro o da terra, a poeirinha baixa ao nosso redor, o aço da enxada cortando tudo, eternamente leve, necessário e tão infinitamente distante do nada sem remédio. Que o sol estivesse a vinte braços da serra! Que houvesse frio, chuva ou calor! A luz alaranjada do poente subia a encosta e a sombra da tarde ia recolhendo as pastagens, o gado, os pássaros e todo alarido invisível dos grilos, gafanhotos e viventes miúdos. O que eu não daria para estar neste mundo!

A indisponibilidade do variado material de leitura na roça e a leitura dogmática de um livro só conspirava contra a informe riqueza de nosso mundo e colocava em menor conta nosso corpo, nossos sentimentos, nossa mente. O prestígio da escrita nos seduzia e sufocava.

VI

A escrita. Firmo o olhar no distante à procura dos primeiros sinais dela na minha vida. Lá, bem no fundo da memória, vejo um lápis vermelho que pousa suave e seguro



numa folha branca. Sobe, vai e volta macio e ritmado, pelos contornos de uma maçã. Então a mão se retira encantada e fica suspensa no ar. Trocamos olhares de aprovação. Ela pousa novamente, habilidosa e mais segura de si. A mão de minha mãe ginga, dança: a maçã agora cheira, tem engajo de duas folhas. Vem lá de longe da Argentina, em sedoso papel anil. É para repartir, que isso aqui é uma vez na vida e outra na morte. Cada um come o seu e babau! Não tem mais.

A sombra da tarde desce da toca, vem vindo pelas pedreiras, vai tangendo, como em um mutirão de fora a fora no vale, a claridade vespertina. Atravessa o rio, ganha a várzea de ervilhas e já vai engolir o pasto de capim-gordura. Olho, olhamos, olharei sempre. No gordural em semente, em semovente onda vinho, o vento: imagem delicada da beleza, flor da minha alma, ainda hoje pastagem. Plena de luz.

Elas saem na porteira. Até logo Júlia! Vão contentes com seus papéis de seda. Vão bordar as frutas, os ramos arabescados e suaves. O risco do bordado é de minha mãe. A mão que acena colorida e dançante é também dela, mas se recolhe depressa, quando as mulheres dobram o espigão. Então a outra mão aparece sobre o batedor de roupa e aceita o mundo terroso e lonado das remendadas calças de roça. Ensaboa, lava, enxágua, remenda e passa até que o lápis vai diminuindo, desaparece entre coisas antigas, aparece novamente por insistência, e depois some para sempre. Nem lápis nem maçã, nem risco de bordado. Que pena, minha mãe! Que pena!

O desejo de beleza moveu-me às primeiras aventuras do mundo da representação do real, às primeiras garatujas. Minhas primeiras letras foram maçãs, desejos persistentes daquela outra, raro fruto fascinante daquela mão que surgia, segura e delicada, de dentro da outra mão. Como direi o que eram? Eram mais que imagens. Diria que eram somente perseguição de encanto até àquele dia em que meu pai chegou de viagem.

Na escuridão os cachorros latiram sem insistência. No trote era ele descendo o espigão, depois ele mesmo, seu vulto inconfundível abrindo a porteira, entrando pelo terreiro carregado de embornais. Chegava de raro partir e do mais doce chegar e tudo o que trouxesse, pão, marmelada, chapéu, enxada ou foice, o que fosse, vinha do distante e nos encantava pela cor, pelo peso, pelo gosto, pelo aroma ou, simplesmente pelo papel do embrulho. Nesse dia alguma coisa a mais veio no papel amarrotado: vi a escrita e ela deixou de ser para mim alguma coisa de imediato sabor para os olhos.

Passado o alvoroço e saboreado o pedaço de pão, todos se deitaram e meu pai ficou na taipa do fogão para pitar. Na segunda baforada, tomou um pedaço do jornal do embrulho, desamarrotou-o, franziu a testa e começou a mover a boca em silêncio. As labaredas crepitavam, o nó do bambu estalava, o cigarro queimava meio esquecido entre o polegar e o indicador e nada o retirava daquele transe. Havia uns baquinhos de madeira feito coxo. Havia à direita de quem olha para o fogão o guarda-comida e à



esquerda a porta da cozinha. À vista de quem vagava retardatário por esses objetos comuns e ainda na memória de quem conta aqui eu perdera inexplicavelmente o sono e desejava como que pegar o desconhecido, voar sem saber bem para onde e para quê. E ali estava alguma coisa intrigante, misteriosa. Peguei também um pedaço do jornal e, à luz da lamparina e com a ponta dos dedos, fui percorrendo aquela capoeira de sinais toda enfileiradinha, distante das matas nativas. Mas onde a insistência icônica? Onde um rumor que fosse para os ouvidos? E, no entanto, meu pai continuava lá, naquele mundo, esquecido até do ritual do cigarro. Ele lia.

Não podendo saber ainda o que lia, copiei o que ele fazia ao ler, e inventei uma operação que era, a princípio, um prazer, mas que depois não era mais porque não tinha fim e cansava. Minha representação começava pelo corpo: o movimento silencioso dos lábios, o ar contrito, a contração e descontração do rosto e, por fim, um certo esquecimento do mundo circundante. Depois na falta de uma evidência icônica, eu tentava inventar uma operação que considerava a forma das letras e uma certa combinação entre elas. Passei um tempão seguindo aquelas com a pontinha dos meus dedos e dizendo sem parar, movendo os lábios, uma enormidade de combinações que não se mantinham obedientes. Cansado, fui deitar, só meio convencido de que lera, mas nunca mais me esqueci daquela doce e misteriosa solenidade do ler que punha um palheiro a queimar por si, esquecidos entre os dedos de um pitador meticuloso.

As cenas de leitura em família inscrevem em nosso corpo e em nossa memória o prazer e a necessidade dessa atividade vital para o ser humano.

Não está terminado!
Genésio Fernandes